

TECENDO HISTÓRIAS: AS INFÂNCIAS E AS DIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

VOL. 2



TECENDO HISTÓRIAS: AS INFÂNCIAS E AS DIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

VOL. 2



FICHA TÉCNICA MEC

Ministro:

Camilo Sobreira de Santana

Secretário Executivo:

Leonardo Osvaldo Barchini Rosa

Secretária de Educação:

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

Diretora de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação:

Rita Esther Ferreira de Luna

Diretor de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica:

Alexsandro do Nascimento Santos

Diretora de Apoio à Gestão Educacional:

Anita Gea Martinez Stefani

Diretor de Monitoramento, Avaliação e Manutenção da Educação Básica:

Valdoir Pedro Wathier

Diretora de Incentivos a Estudantes da Educação Básica:

Marisa de Santana da Costa

Coordenadora Geral de Formação de Professores da Educação Básica:

Lucianna Magri de Melo Munhoz

Coordenador Geral de Formação de Gestores Técnicos da Educação Básica:

José Roberto Ribeiro Junior

Coordenador Geral de Alfabetização:

João Paulo Mendes de Lima

Coordenadora Geral de Ensino Fundamental:

Tereza Santos Farias

Coordenadoras de Formação de Professores:

Leda Regina Bitencourt da Silva e Ionara Souza Lopes de Macedo

Coordenadora de Alfabetização:

Pollyana Cardoso Neves Lopes

Coordenação Geral de Educação Infantil – MEC/SEB/DPDI/COGEI:

Cida Camarano

Coordenadora Geral de Educação Infantil na Secretaria de Educação Básica:

Rita de Cássia de Freitas Coelho

Coordenador Geral de Política Pedagógica da Educação Especial na SECADI:

Marco Antonio Melo Franco

Instituição Responsável pela Coordenação Geral:

Universidade Federal do Amapá / Departamento de Letras e Artes

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Adelma das Neves Nunes Barros Mendes

Celeste Maria da Rocha Ribeiro

Cilene Campetela

Karolainy Picanço (Apoio Pedagógico)

Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento

Rosivaldo Gomes

Sandra Mota Rodrigues

Suzana Pinto do Espírito Santo

COORDENADORES DA ÁREA DE LITERATURA

Prof. Dr. Daniel Batista Lima Borges

Profa. Dra. Rosileni Pelaes Moraes

LEITURA CRÍTICA

Patrícia Corsino

Zélia Versiani

REVISÃO LINGÜÍSTICO-TEXTUAL

Maria Eduiza Miranda Naiff Rodrigues (UNIFAP)

Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento (UNIFAP)

ASSESSORIA TÉCNICA

Alan Santos da Silva
Aldery da Silva Mendonça
Antônia Neura Nascimento
Wilma Gomes Silva Monteiro

APOIO TÉCNICO

Jociane dos Santos Souza
Rute Helena Cardoso Guedes

ILUSTRAÇÃO

Bárbara Livia Damasceno de Souza

DIAGRAMAÇÃO

Hugo Farias Gomes

CONSELHO EDITORIAL

Alaan Ubaiara Brito
Aldrin Vianna de Santana
Alisson Vieira Costa
David Junior de Souza Silva
Daniel Batista Lima Borges
Eliane Leal Vasquez
Fabio Wosniak
Frederico De Carvalho Ferreira
Inara Mariela da Silva Cavalcante
Ivan Carlo Andrade de Oliveira
Marcos Paulo Torres Pereira
Marcus André de Souza Cardoso da Silva
Romualdo Rodrigues Palhano
Rosivaldo Gomes
Victor Andre Pinheiro Cantuario

TRADUÇÃO EM LIBRAS

Edelson dos Santos Melo (Editor e Revisor do Vídeo em Libras - UEAP)
Larissa Dantas de Lima (Tradutora de Libras - UFAM)
Rodrigo Ferreira dos Santos (Tradutor e Revisor de Libras - UNIFAP)
Saionara Figueiredo Santos (Tradutora de Libras - IFSC)

AUDIODESCRIÇÃO

Elza de Oliveira (Audiodescritora, Narradora e Roteirista - CAP-AP)
Rosenilda Farias (Audiodescritora e Consultora - CAP-AP)
Jhon Produções (Gravação e Edição - AP)

QR CODE DA TRADUÇÃO EM LIBRAS



QR CODE DA AUDIODESCRIÇÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborada por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2/989

B823t

Brasil. Ministério da Educação.

Tecendo Histórias: as infâncias e as diversidades da Amazônia. Volume 2 - Narrativas /
Ministério da Educação, Universidade Federal do Amapá/. – Macapá, AP: Editora UNIFAP, 2025.

56 p.:il.

1 Recurso eletrônico [E-book]. 56 p.

ISBN: 978-85-5476-114-1

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Literatura infantil – Amazônia. 2. Contos amazônicos. 3. Educação infantil. 4. Cultura indígena. 5. Inclusão escolar. I. Universidade Federal do Amapá. II. Título.

CDD 23. ed. – 028.5



Editora da Universidade Federal do Amapá

www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br

End: Rod. Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade, Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419

Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais. Venda proibida.





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
ALGUMAS PALAVRAS PARA INICIAR AS LEITURAS	9
PALAVRAS DOS(AS) ORGANIZADORES(AS)	12
ANAHÍ: EM BUSCA DE AVENTURA	14
<i>ELKE DIAS COSTA, ITACOATIARA - AM</i>	
AS AVENTURAS DE ORI E A ESCOLA DO CUJUBA	22
<i>GLEIDENIRA LIMA SOARES, PORTO VELHO – RO</i>	
ENTRE PANELAS E BOLA	30
<i>FRANCIMEIRE SOUZA ALMEIDA, BOA VISTA – RR</i>	
LEMBRA DO CAMINHO?	38
<i>CAMILA SILVA DE ALMEIDA, MARACANÃ – PA</i>	
O VELHO IGARAPÉ E A CANOA	44
<i>MARIA CÉLIA MENDES, VITÓRIA DO JARI E LARANJAL DO JARI – AP</i>	
AGRADECIMENTOS	51

INTRODUÇÃO

*Adelma das Neves Nunes Barros-Mendes
Celeste Maria da Rocha Ribeiro
Cilene Campetela
Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento
Rosivaldo Gomes
Sandra Mota Rodrigues
Suzana Pinto do Espírito Santo*

A implementação do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA), induzida pelo MEC, na Região Norte, possibilitou, a partir das discussões realizadas nas formações de professores(as) da Educação Infantil, com base nos Cadernos Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), identificar os desafios enfrentados pelos(as) professores(as) da Região Norte para garantir práticas de escrita significativas às crianças, respeitando suas realidades territoriais, culturais e étnicas. Diante desse contexto, foi identificada a ausência de materiais pedagógicos adequados à diversidade local, o que motivou a produção dos conteúdos aqui apresentados.

Esses materiais foram construídos por professores(as) de universidades e redes de ensino da região, com experiência em formação docente, buscando subsidiar práticas pedagógicas que respeitem a multiculturalidade e incluam todas as infâncias: ribeirinhas, indígenas, quilombolas, migrantes, com e sem deficiência.

Assim, foram elaborados cinco produtos: **Dois Cadernos Pedagógicos** – O primeiro aborda relações étnico-raciais e diversidades amazônicas; o segundo trata da inclusão de crianças da Educação Especial, com base na abordagem histórico-cultural de Vigotski. **Coletâneas de Literatura Infantil (3 volumes)** – Tecendo histórias: as infâncias e as diversidades da Amazônia, com contos e poemas produzidos por professores(as) da região. **Glossário Ilustrado** – A Amazônia pelo olhar das crianças, com definições elaboradas por crianças da Educação Infantil com auxílio dos(as) docentes. **Guia de Prevenção a Maus-tratos e Abusos** – Criado frente à alta incidência de violência contra crianças na região. Por fim, um **Guia Ilustrado de Primeiros Socorros + Infográfico** – voltado às realidades de difícil acesso a serviços de saúde.

Esses materiais não têm a pretensão de apresentar soluções definitivas, mas sim de abrir caminhos e convidar o país a conhecer e incluir o Norte em suas pautas educacionais. Nosso convite é: **Venha se encantar conosco!**

Referência:

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/diretrizes-curriculares-educacao-infantil>. Acesso em: 06 set. 2024.

ALGUMAS PALAVRAS PARA INICIAR AS LEITURAS

Os contos desses dois volumes nos convidam a penetrar no murmúrio dos rios, a atravessar furos, remar nos igarapés com barquinhos, canoas, rabetas, voadeiras e barcos escolares. Nos trajetos, os sons da floresta, os cantos dos pássaros, o barulho das águas e o vento nas folhas anunciam o pulso da vida. Meninos e meninas, ribeirinhos, e indígenas, protagonistas das histórias, se encontram e se integram ao vigor da natureza. O bicho preguiça nos ensina a apreciar a vida devagar. O boto rosa, o nadar compartilhado e os saltos acrobáticos da vida. Tracajás, gaivotas, araras, papagaios voam alto no céu, enquanto nos rios peixes-boi, tucunarés, cardumes de piabas e tartarugas dançam ao compasso das águas. Onças pintadas passam velozes e jacarés repousam na praia. A floresta Amazônica está ali nas linhas e entrelinhas dos contos e ilustrações e na sua fronteira, o Serrado.

A picada de cobra na menina indígena suscita o cuidado de uma aldeia inteira e a cura que vem dos chás e unguento de ervas, azeites e folha de caimbé no local da picada, das rezas e também do soro antiofídico. Samaúmas abrigam um Mapinguari, monstro que se torna um voraz leitor. A menina valente vai em busca da flor mágica da vitória-régia para limpar e purificar o rio que estava deixando os animais aquáticos doentes. São também as crianças que organizam festas, que trazem a pujança das manifestações culturais da Região Norte com Dança do Sussa, Boi Bumbá e Cacuriá do Maranhão e que revigoram o Igarapé triste com um gostoso piquenique. Há também o menino que sonha em viajar através das palavras, assim como navegava pelo rio e crianças sensíveis que trazem elementos do caminho para ajudar o menino cego a lembrar do trajeto até o lago. Nos contos, Joana, Pedro, Bacuri, João, Rosa, Cacau, Lara, Caique, Anahi, Apoema, Ori, Cojuba, Inaiá, Isabelly são crianças ativas, criativas, potentes e solidárias. Entre elas as diferenças aparecem para reiterar a ideia de que “somos fortes por sermos diversos” e desaparecem para dar lugar a convivência e partilha do comum.

São dois volumes, cada um com cinco contos, ilustrados por Bárbara Damas em aquarelas que, em cada página, entretecem esteticamente a obra. Em diálogo com o texto verbal, as ilustrações ampliam as possibilidades de leitura com os movimentos dos traços entre pinceladas, aguadas e realces, numa paleta de cores harmoniosa. A diversidade dos personagens aparece com delicadeza e humor e muitos elementos entram na composição das cenas em que ora os tons se diluem, ora realçam formas, dando visibilidade aos ambientes e situações.

São contos escritos por professoras, integrantes do Programa de Leitura e Escrita na Educação Infantil-LEEI da Região Norte, em 2024, cujos leitores presumidos são as crianças que habitam as águas, florestas, serrados e cidades do Norte do Brasil, mas que muito podem dar a ler e a ver a outras crianças e adultos, já que a especificidade local se apresenta para se unir ao sensível em nós. Que cada página lida seja uma remada que transporte os leitores para as águas do Norte e os aproxime da potência de ser e estar na natureza.

Boas leituras!

Profa. Dra. Patrícia Corsino (UFRJ)



PALAVRAS DOS(AS) ORGANIZADORES(AS)

Esta coletânea foi concebida a partir da ideia de promover a criação de narrativas e poemas direcionados ao público infantil, com base nos preceitos do Projeto “Leitura e Escrita na Educação Infantil” (LEEI) - Região Norte, que promoveu, no ano de 2024, a formação de professores(as) formadores(as) da rede ensino dos sete estados do Norte, que constituem a Amazônia brasileira, com vistas à qualificação contínua de professores(as) da Educação Infantil. Dentre os objetivos do LEEI Norte, citamos: oportunizar a construção de saberes referentes às culturas e em especial à cultura escrita; demonstrar que as crianças são sujeitos de linguagem; oportunizar vivências literárias que possam ser multiplicadas.

Pensar a infância como um período de descobertas, curiosidade, imaginação e transformações, com especificidades que precisam ser compreendidas, valorizadas e respeitadas, remete-nos a uma dinâmica pedagógica e educacional, na Educação Infantil, que, com relação às crianças Amazônidas, considere e favoreça a diversidade étnica cultural, assim como a inclusão de Pessoas com Deficiência (PcD).

As narrativas, os poemas, as ilustrações, formam material que motiva as interações e brincadeiras, a imaginação e criatividade da criança. Os(As) autores(as) apresentam textos ricos em imaginação, criatividade, curiosidade e engajamento, com cuidado e atenção à representação inclusiva e sensível à diversidade étnico-racial e cultural do público infantil, fazendo um convite para que as crianças explorem os conteúdos de maneira ativa, lúdica e estética.

Profa. Dra. Ana Cláudia Paula do Carmo
Profa. Dra. Celita Maria Paes de Sousa
Profa. Dra. Celi da Costa Silva Bahia
Prof. Dr. Daniel Batista Lima Borges
Profa. Dra. Dilene Kátia Costa da Silva
Profa. Dra. Elizane Assis Nunes
Profa. Dra. Rosileni Pelaes de Moraes
Profa. Dra. Rosimeri Birk





ANAÍ: EM BUSCA DE AVENTURA

ELKE DIAS COSTA
ITACOATIARA - AM

Anahí era filha de um chefe indígena de uma aldeia no meio da Amazônia brasileira. Ela amava o rio e adorava nadar junto com os peixes e com sua amiga Apoema.

Um dia elas resolveram passear de canoa, quando, de repente, ouviram um barulho. Ficaram assustadas e foram verificar o que era. Avistaram um grande peixe-boi que não parava de espirrar. Ele disse a elas que tinha alguma coisa no rio que estava deixando-o e os outros animais aquáticos doentes.



Anahí voltou para casa o mais rápido possível e contou à sua avó, a mulher mais sábia da aldeia, o que estava acontecendo. Ela tinha que ajudá-los. Então, a avó de Anahí disse que tinha um jeito: existia uma flor mágica que poderia limpar e purificar o rio, mas era muito difícil encontrá-la.



Ao pensar em ajudar as criaturas que vivem no rio, Anahí embarca em sua canoa e convida sua amiga Apoema para juntas, irem em busca dessa misteriosa flor. Ao se afastarem da ilha, elas encontram um boto-cor-de-rosa e ficam encantadas com sua beleza e mergulhos.



Elas decidem pular na água para brincar com o boto, quando, de repente, aparece um grande jacaré. Elas ficaram com muito medo e logo saíram dali.



Durante sua viagem, elas passaram por muitas paisagens cheias de árvores e animais de todos os tipos. Avistaram uma linda onça-pintada na beira do rio e também praias enormes cheias de tracajás e gaivotas.

- Que maravilha! Elas falaram.

Passado o susto, Anahí resolveu encostar a canoa na margem do rio. Foi aí que avistaram a mais linda flor que há. Era ela a planta mágica que estava ali na sua frente.

Após tantas aventuras, conhecer novos lugares e ter visto de perto as maravilhas e perigos que existem por onde passaram, Anahí e Apoema voltaram à sua ilha com a flor mais linda do rio: a vitória-régia. Desse modo, conseguem salvar todos os animais aquáticos. Assim, Anahí ficou feliz e realizada por poder ajudar a todos!







A watercolor illustration of a river scene. In the foreground, a wooden boat with orange and brown sections is on the left. The water is depicted with light green and yellow washes. In the background, a pink dinosaur with purple spots is visible on a green bank. The overall style is soft and artistic.

AS AVENTURAS DE ORI E A ESCOLA DO CUJUBA

GLEIDENIRA LIMA SOARES
PORTO VELHO – RO

No coração da Amazônia Ocidental, à beira do Rio Madeira, vivia Ori, um curumim que morava com sua família na comunidade Furo da Cobra Grande, em Porto Velho, Rondônia. Ali, cercado por árvores altas e os sons da floresta, sua vida era uma aventura diária.

Ori acordava cedo todos os dias, logo que o sol começava a surgir. Seu primeiro desafio era remar a canoa da família. Com braços pequenos, mas fortes, ele atravessava o furo, um braço de água que conectava sua comunidade ao vasto Rio Madeira.



Cada remada era uma descoberta: o som da água, o canto dos pássaros e, às vezes, o salto gracioso de um boto rosa.

Embora Ori adorasse a natureza ao seu redor, ele sempre se concentrava em seu destino: a escola. Ao chegar à encosta do rio, esperava a embarcação escolar que o levaria, junto com outras crianças, até a Escola Municipal do Cujuba. Ori se emocionava ao ver o barco, ansioso por mais um dia de aprendizado.





A Escola do Cujuba era simples, com apenas uma sala de aula que recebia crianças das comunidades ribeirinhas e indígenas próximas. Dona Horta, a professora, era uma mulher bondosa e dedicada, que via o ensino como sua missão. Ela ensinava mais do que letras e números — falava sobre o rio, as árvores e os animais que faziam parte da vida das crianças.

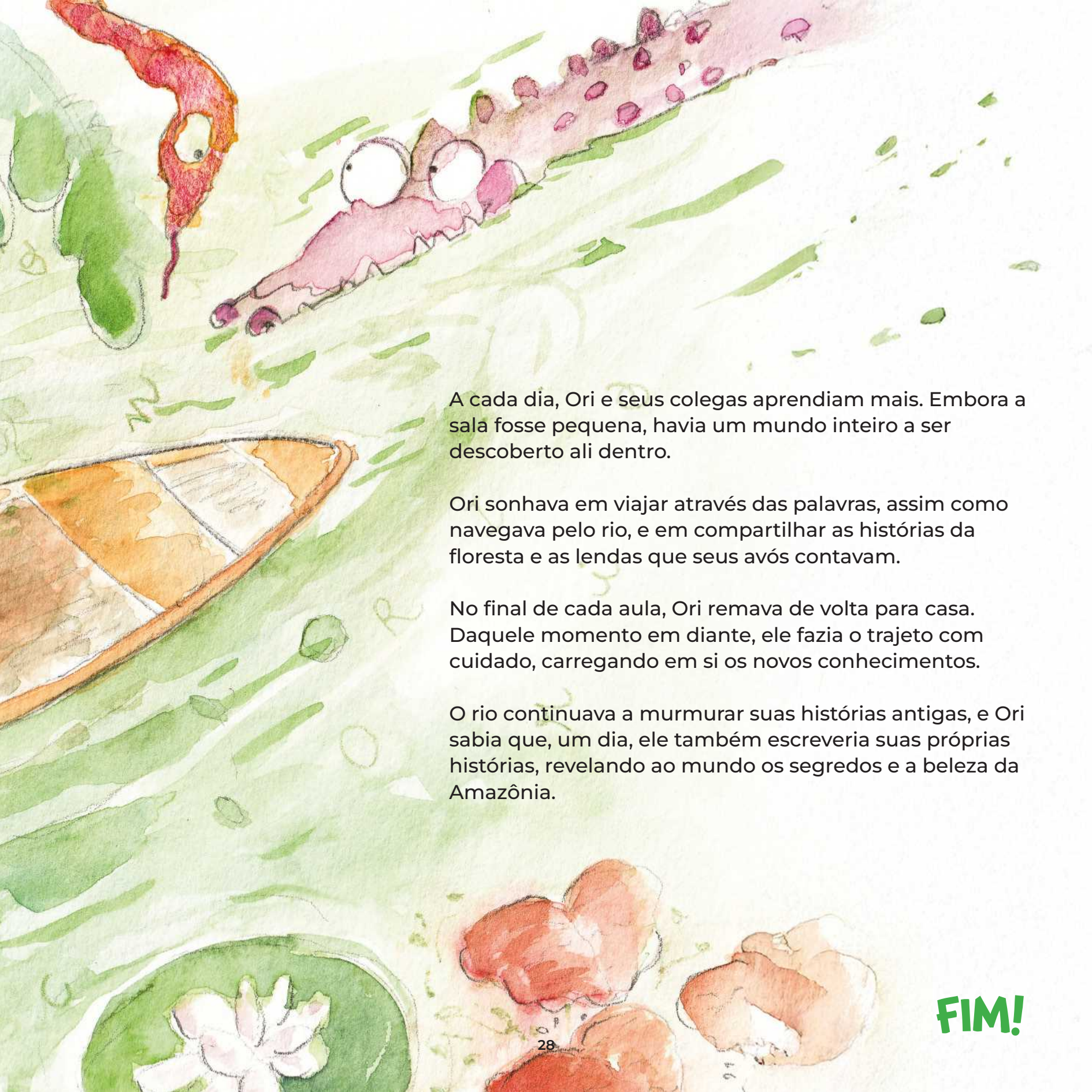
Para Ori, aprender a ler foi um grande desafio. Ele segurava o lápis com força, tentando desenhar as letras que Dona Horta mostrava no quadro.

No início, parecia impossível, como se as letras estivessem fora de seu alcance. Mas, Dona Horta sempre dizia: “Com o tempo, você vai remar pelas palavras, assim como faz pelo rio.”

Um dia, Ori finalmente leu sua primeira frase. Seu coração bateu acelerado, como quando ele enfrentava as correntezas do furo com sua canoa. Ele sabia que aquele momento marcava o início de uma nova aventura.







A cada dia, Ori e seus colegas aprendiam mais. Embora a sala fosse pequena, havia um mundo inteiro a ser descoberto ali dentro.

Ori sonhava em viajar através das palavras, assim como navegava pelo rio, e em compartilhar as histórias da floresta e as lendas que seus avós contavam.

No final de cada aula, Ori remava de volta para casa. Daquele momento em diante, ele fazia o trajeto com cuidado, carregando em si os novos conhecimentos.

O rio continuava a murmurar suas histórias antigas, e Ori sabia que, um dia, ele também escreveria suas próprias histórias, revelando ao mundo os segredos e a beleza da Amazônia.

FIM!





ENTRE PANELAS E BOLA

FRANCIMEIRE SOUZA ALMEIDA
BOA VISTA – RR

Inaiá é uma das meninas da comunidade Baraúna, localizada no extremo norte do Estado de Roraima, de etnia Macuxi. No período de férias da escola, sua mãe, Amana, a leva para tirar barro e fazer panelas, grande tradição de sua família.

É uma caminhada de quase duas horas até o pé da grande serra, local onde tiram o barro e que, segundo Amana, fora colocado lá por seus ancestrais.



Durante a jornada até o pé da serra, Amana diz para Inaiá:

- Você já está grandinha, precisa aprender a tradição de nossa família. Fazer panelas é nossa arte, não podemos deixá-la morrer.

Enquanto isso, Inaiá pensa consigo: “Nessa hora, os meninos já fizeram os times para jogar na copinha dos parentes”.

A copinha dos parentes acontece no período de férias escolares das crianças. Inaiá não quer fazer panelas, quer ver o jogo de bola no campinho, que fica no meio da comunidade.

Mais do que isso, quer jogar! Logo se imagina correndo de um lado para o outro do campinho, quando é “acordada” pela voz de Amana:

- Inaiá, presta atenção! Olha o ponto do barro!

Inaiá, então, indaga sua mãe:

- Por que só os meninos podem jogar bola?

Amana responde:

- Jogo de bola, campinho, não é para meninas. Toda nossa comunidade depende da produção de nossas panelas; depende de nós, Inaiá! Não temos tempo para jogo!

Inaiá fica triste com as palavras de sua mãe, mas consegue entender sua responsabilidade.



Certo dia, Inaiá resolve ir sozinha até o pé da grande serra, pois quer voltar cedo para ver a final da copinha dos parentes. Durante o caminho, sem perceber, pisa em uma cobra que a pica. Inaiá tenta voltar para a comunidade, mas estava longe. Cai e não consegue se levantar.



Ao vir pelo caminho, de longe, Amana avistou sua filha caída. Amana pegou Inaiá nos braços e a levou até o pajé Jandir, que fez chás e unguento de ervas, azeites e folha de caimbé para colocar no local da picada.

Enquanto isso, o tuxaua Jaci trouxe o soro antiofídico e aplicou em Inaiá. Durante a noite, o pajé fez todos os rituais do seu povo e disse a Amana:

- Agora só nos resta rezar!

Toda comunidade ficou triste. A copinha dos parentes não aconteceu. Todos falavam do quanto Inaiá queria jogar bola.

Amana pediu, com toda força e fé do seu coração aos espíritos dos seus ancestrais, que trouxessem Inaiá de volta e prometeu que a deixaria viver seu sonho.



Ao amanhecer, a grande luz do sol invade a comunidade Baraúna e com ela a notícia do pajé:
- Inaiá acordou! Está bem!
A comunidade toda se alegra! Fazem uma grande festa!



Organizam outra copinha dos parentes onde as mulheres agora podem jogar. Inaiá e os meninos ajudam fazer panelas durante a manhã, e, no final da tarde, o sol ilumina meninos e meninas que jogam bola até a chegada do luar.



FIM!



LEMBRA DO CAMINHO?

CAMILA SILVA DE ALMEIDA
MARACANÃ – PA



Iara e Caique são amigos e moram numa pequena ilha onde não podem entrar motos nem carros. Durante um final de semana, Caique e Iara foram com suas famílias até o Lago da Princesa. Ao retornarem no dia seguinte para a escola, Caique queria contar como era o caminho, mas encontrou dificuldades de relatar.



A turma, então, decidiu investigar o trajeto que leva até o Lago da Princesa. Caique era cego e, para auxiliá-lo a lembrar por onde passara, a turma decidiu coletar elementos que encontravam pelo caminho até o lago. As crianças saíram da escola e seguiram pela rua. Coletaram a areia da rua.

Chegaram à beira do canal, viram o banzeiro e sentiram as pedras, matos e lama embaixo de seus pés. Coletaram areia da rua e matinhos da beira da maré. Subiram na rabeta com muito cuidado e seguiram para dentro do furo até que avistaram uma ponte de madeira. Coletaram areia da rua, matinhos da beira da maré e um pedacinho de madeira da ponte.



Então se viram numa trilha, parecia um longo corredor onde o teto era feito de galhos de árvores e o chão era forrado com folhas secas e raízes. Coletaram areia da rua, matinhos da beira da maré, um pedacinho de madeira da ponte e folhas secas.

Caminharam mais algum tempo pela trilha, subiam e desciam pequenos montes de areia e acharam vários pés de ajuru, que comeram durante o caminho. Coletaram areia da rua, matinhos da beira da maré, um pedacinho da madeira da ponte, folhas secas e ajuru.



Iara, Caique e as outras crianças estavam com muito calor e já estavam cansados, quando, de repente, avistaram um lago com a água escura, cercado por montes de areia, árvores e várias pedrinhas. Coletaram areia da rua, matinhos da beira da maré, um pedacinho da madeira da ponte, folhas secas, ajuru e pedrinhas.

Enfim, eles haviam chegado ao Lago da Princesa e podiam se refrescar em sua água geladinha. Após muito banho, mergulho e brincadeiras, lara e seus colegas organizaram todos os elementos que encontraram pelo caminho e Caique passou a mão, segurou e até cheirou a areia da rua, os matinhos da beira da maré, o pedacinho da ponte de madeira, as folhas secas, os ajurus e as pedrinhas.

Então, lara perguntou:

- Isso ajuda você a lembrar o caminho até o lago? Caique, muito sorridente, disse que sim e começou a contar toda a aventura vivida!



FIM!



O VELHO IGARAPÉ E A CANOA

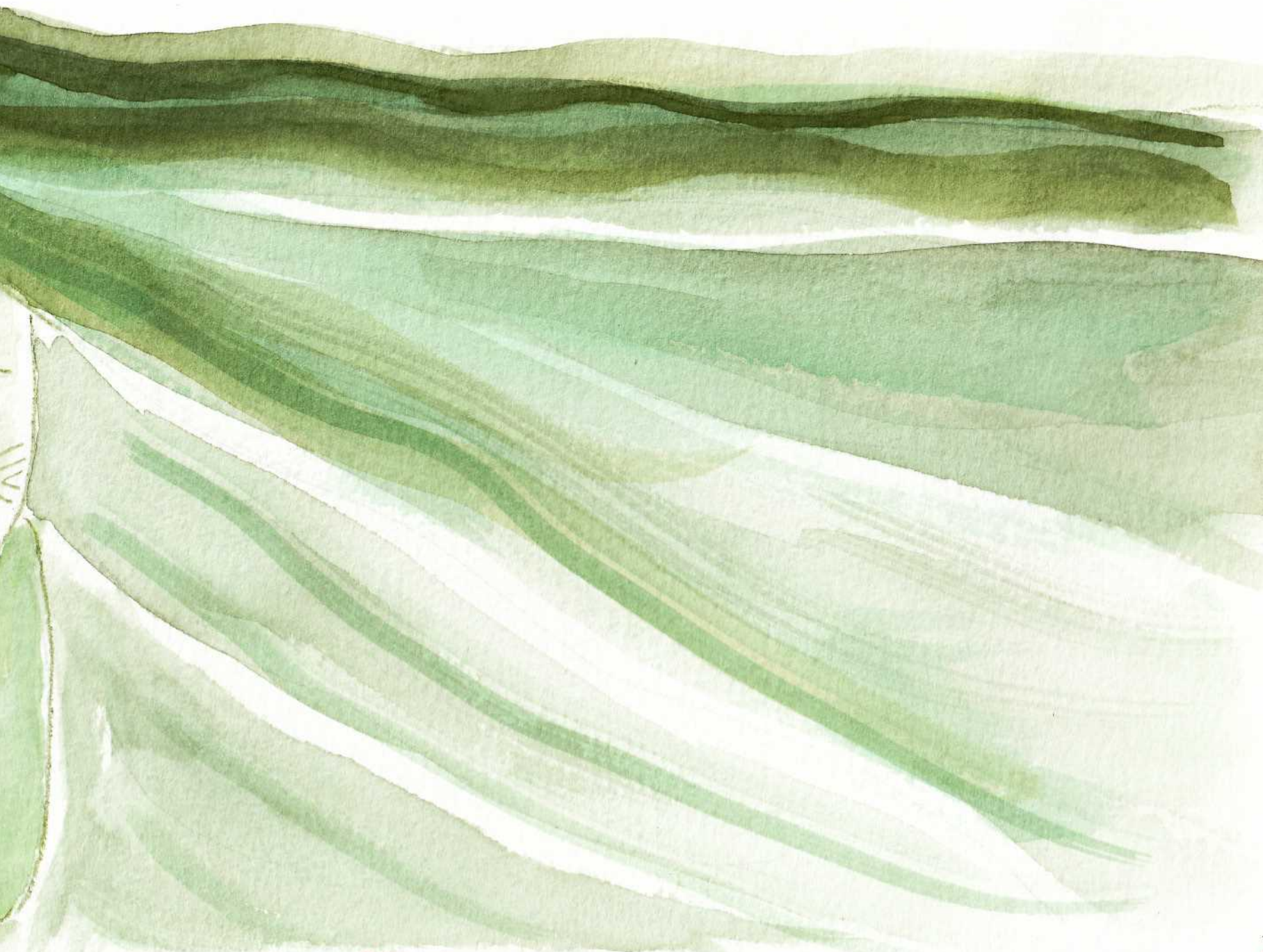
MARIA CÉLIA MENDES
VITÓRIA DO JARI E LARANJAL DO JARI – AP



Era uma vez um velho igarapé abandonado, que estava muito triste, pois as crianças imaginam que poderia ter lixo e bichos ferozes então tinham medo de brincar, remar de canoa no velho igarapé. Chamava pelos barquinhos, canoas, rabetas, voadeiras, mas ninguém o ouvia.



Então, o pobre igarapé, sozinho e triste, resolveu gritar bem alto, pois sabia que existia uma canoa, também abandonada, que poderia salvá-lo daquela imensa tristeza. A canoa, porém, respondeu que também estava triste, pois não sabia mais navegar e achava que não poderia ajudar.



Antes, o igarapé era lindo e feliz. Só era um pouco turvo quando as águas das chuvas no inverno batiam no barranco e escorria para o igarapé. Mas muitos barcos atravessavam pelo igarapé para chegar aos rios.

– Nunca me senti tão triste e sozinho! Falava consigo mesmo.



De repente, surgiu uma grande balsa cheia de crianças ribeirinhas, trazendo brinquedos, guloseimas e frutas: bolo, suco, picolé, sorvete, pupunha, manga, goiaba, cupuaçu... Elas convidaram o igarapé e a canoa para um piquenique especial. Animados, os outros barquinhos, canoas e rabetas decidiram também participar.



Vamos, pessoal, atracar aqui! – Disse a canoa, muito animada!
Todos então, brincaram, pescaram e colheram açaí às margens do igarapé, próximo ao Quilombo do Taperera, um lugar de crianças lindas, alegres e unidas. A felicidade era contagiante, e o igarapé sentiu-se revigorado.

Quando voltavam para casa, avistaram na beira do rio Jari uma pequena indígena chamada Isabelly Karoline. Viram também botos, jacarés, tucunarés e cardumes de piabas, que acompanharam a viagem fizeram a alegria das crianças ribeirinhas.

A partir daquele dia, o velho igarapé nunca mais se sentiu sozinho. Ele, a canoa e todos os seus novos amigos aprenderam que cuidar da natureza e valorizar a amizade é o maior tesouro. E assim, todos viveram felizes para sempre, preservando a Amazônia e suas riquezas.

FIM!





AGRADECIMENTOS FINAIS

Com este volume, encerramos uma jornada literária que reafirma a potência criadora dos professores-autores da Amazônia. A coletânea *Tecendo Histórias: As Infâncias e as Diversidades da Amazônia* nasce do compromisso com a valorização das infâncias amazônicas e da pluralidade cultural, social e ambiental da região. Foi uma honra acompanhar de perto a criação destas narrativas, que combinam sensibilidade estética e profundo conhecimento de território.

As histórias aqui reunidas trazem contribuições marcantes. “A Preguiça que Queria Ser Rápida”, de Verônica Moreira Souto Ferreira, ensina que cada ser tem seu próprio tempo para perceber o mundo. “Alba, a Arara Albina”, de Gilvânia Figueiras, trata da aceitação das diferenças com delicadeza. “Celebração da Diversidade Tocantinense”, de Cirlene Benvindo de Souza, é um verdadeiro tributo às festas, danças e saberes populares. “Mapi, o Monstro que Amava Ler”, de Francisca Saionara Mendonça Barbosa, transforma o medo em fascínio pela leitura e pela imaginação. “O Segredo da Floresta Encantada”, de Ebenezaide Vergolino Pinheiro, valoriza a cooperação, a amizade e a força da diversidade.

A segunda parte da coletânea amplia ainda mais essa riqueza. “Anahí: Em Busca de Aventura”, de Elke Dias Costa, conduz o leitor por uma jornada de coragem em defesa da natureza. “As Aventuras de Ori e a Escola do Cujuba”, de Gleidenira Lima Soares, revela a força da educação e das travessias na vida ribeirinha. “Entre Panelas e Bola”, de Francimeire Souza Almeida, questiona papéis de gênero com sensibilidade e afirmação. “O Velho Igarapé e a Canoa”, de Maria Célia Mendes Nunes, reanima a paisagem afetiva dos rios como espaços de memória e convivência. E “Lembra do Caminho?”, de Camila Silva de Almeida, propõe uma belíssima experiência sensorial sobre memória e inclusão.

Agradecemos aos(as) autores(as) por tamanha criatividade, escuta e entrega. Agradecemos também à ilustradora Bárbara Damas, que deu vida às histórias com imagens potentes e sensíveis, e ao diagramador Hugo Farias, que organizou a obra com dedicação e esmero.

Que estas narrativas sigam inspirando novas leituras e encontros com a Literatura Infantil Amazônica.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Daniel Batista Lima Borges
Profa. Dra. Rosileni Pelaes de Moraes

BIOGRAFIAS DAS AUTORAS E AUTORES DA COLETÂNEA TECENDO HISTÓRIAS: AS INFÂNCIAS E AS DIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

1. Jussara Ribeiro Lukachinski é professora da Educação Infantil em Ariquemes - RO, escritora e formadora municipal do Programa LEEI. Atua com paixão na formação de leitores desde a primeira infância. É autora do poema Sentimentos, Sonhos e Talentos, que valoriza a singularidade de cada criança.

2. Cecília Nogueira Gonçalves é professora da Educação Infantil e pedagoga em Vitória do Jari - AP. Possui pós-graduação em Educação Especial.

3. Gilvânia Filgueiras (Prof. Gil) é professora da Educação Infantil em Palmas - TO. Paraibana de Brejo do Cruz, atua na área desde 2014. É autora da história Alba, a Arara Albina, que celebra a amizade, a inclusão e a beleza da diversidade.

4. Andréa Costa de Oliveira Rodrigues é professora formadora do Ensino Fundamental em Porto Velho - RO, escritora e poetisa. Atua na formação de professores com sensibilidade e compromisso com a educação.

5. Alexandra Martins de Espíndula é professora e supervisora escolar em Vilhena - RO, com formação em Letras pela UNIR. Atua na rede municipal desde 2007 e como formadora do LEEI desde 2016.

6. Camila Silva de Almeida é pedagoga pela Universidade Estadual do Pará (UEPA) e professora da Educação Infantil e dos Anos Iniciais em Maracanã - PA. Suas vivências entre livros e natureza desde a infância inspiram sua escrita. Acredita na força do imaginário para narrar o mundo com criatividade e ternura.

7. Jhoney Brandão de Souza é professor da Educação Infantil, atuando na pré-escola em Rio Branco - AC. É licenciado em Pedagogia e mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Desenvolve práticas educativas voltadas à infância, à leitura e à valorização da cultura local.

8. Ebenezaide Pinheiro da Costa é professora da Educação Infantil na EMEF Raimundo Farias, em Limoeiro do Ajuru - PA. É pedagoga e especialista em Educação Infantil. Dedica-se ao trabalho com as infâncias com sensibilidade, escuta e valorização do território amazônico.

9. Verônica Moreira Souto Ferreira é educadora e formadora em Marituba - PA, com formação em Educação Física e Pedagogia. Atua na coordenação pedagógica da rede municipal e na construção de políticas públicas voltadas à infância. Em 2024, foi formadora municipal do Programa LEEI.

10. Cirlene Benvindo de Souza é professora da Educação Infantil em Palmas – TO desde 2010. É pedagoga e mestre em Ciências da Educação. Dedicar-se à promoção de práticas pedagógicas sensíveis à infância e à diversidade.

11. Maria Goreth da Silva Vasconcelos é doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia e mestre em Educação pela UFAM. Atua como professora formadora na rede municipal de Manaus – AM e como psicóloga no Banco de Olhos do Amazonas. Desenvolve trabalhos voltados à formação docente e ao cuidado com a vida.

12. Maria Célia Mendes Nunes é professora da Educação Infantil e da Educação Especial nos municípios de Vitória do Jari e Laranjal do Jar – AP. É pedagoga, mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura, e especialista em diversas áreas da educação. Atua com foco na inclusão, inovação e formação humana.

13. Elke Dias Costa – professora do município de Itacoatiara - AM, atua há 23 anos como professora, com experiência na Educação Infantil e atualmente como Supervisora em uma creche na rede municipal e formadora Municipal do LEEI.

14. Francimeire Souza Almeida – é pedagoga, especialista em Educação Infantil e professora da Educação Básica em Boa Vista–RR. Atua como assessora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação e como formadora municipal do LEEI. Comprometida com a valorização das infâncias e a formação de educadoras na rede pública.

15. Francisca Saionara Mendonça Barbosa é professora da Educação Infantil e pedagoga em Feijó – AC. Apaixonada por histórias desde a infância, redescobriu-se escritora por meio do LEEI. Atua com alegria no universo das crianças, onde a imaginação continua viva e colorida.

16. Driele Karoline Oliveira da Silva – é pedagoga formada pela UEPA/UAB e professora da Educação Básica em Marabá – PA desde 2014. É contadora de histórias e atua na formação de professoras da sala de leitura. Tem experiência com formação continuada na Educação Infantil e com práticas literárias na escola.

17. Rita Cássea Coronheira Silva - efetiva há 25 anos no Município de Miracema do Tocantins, com habilitação na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, graduada em Normal Superior, com especialização na Educação Infantil e Ludopedagogia, Mestrado em Educação atualmente Formadora da Educação Infantil e Inspetora Escolar.

18. Sara Cardoso Alves é professora da Educação Infantil no CMEI Dr. Osvaldo Aires da Silva, em Nova Pinheirópolis, município de Porto Nacional – TO. É formada em Pedagogia e atua com dedicação no cuidado e na formação das infâncias. Tem 38 anos e valoriza a educação como caminho de transformação.

19. Eliane Gracy Lemos Gomes é pedagoga, filósofa e professora da Educação Básica em Monte Alegre – PA, atuando nos ensinos fundamental e médio. É mestra em Educação e doutoranda pela UFOPA. Dedicar-se à formação crítica e humanista na rede municipal e estadual de ensino.

20. Gleidenira Lima Soares é professora da rede municipal de Porto Velho – RO e doutoranda em Estudos Literários pela UNEMAT. Mestre em Ciências da Linguagem pela UNIR, é graduada em Letras e Pedagogia. Atua na formação docente na SEMED, contribuindo com o desenvolvimento de práticas pedagógicas na rede pública.



UFRJ



UFAM



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS